

ARROZ – 15 a 19/04/2019

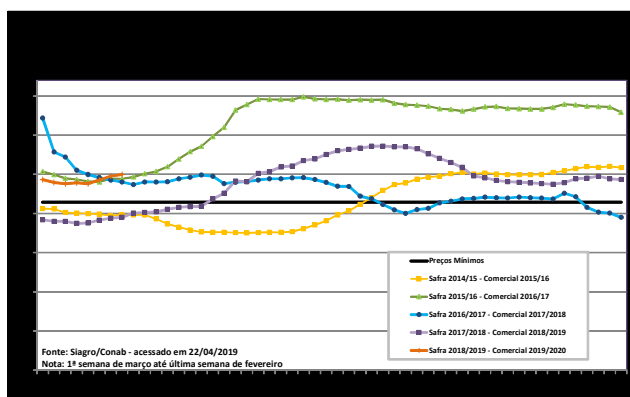
Tabela 1 - Parâmetros de análise de mercado de arroz - médias semanais

	Unidade	12 meses	Semana anterior	Semana Atual	Varição anual	Varição Semanal
Preços ao produtor⁽¹⁾						
Rio Grande do Sul (RS) ⁽²⁾	50kg	34,51	39,76	39,98	15,85%	0,55%
Pelotas ⁽²⁾	50kg	38,50	42,00	42,00	9,09%	0,00%
Preço no Atacado decomposto até RS ⁽³⁾	50kg	-	43,62	42,49	-	-2,59%
Preço Paraguai decomposto até Pelotas	50kg	-	41,57	42,09	-	1,25%
Santa Catarina ⁽²⁾	50kg	33,42	40,12	41,04	22,80%	2,29%
Tocantins	60kg	41,00	57,00	57,00	39,02%	0,00%
Mato Grosso (MT)	60kg	38,89	53,28	55,50	42,71%	4,17%
Preço no Atacado						
Beneficiado Tipo 1 à vista	30kg	-	64,34	62,98	-	-2,11%
Preço ao Produtor composto até SP ⁽⁴⁾	30kg	-	58,83	59,70	-	1,48%
Cotações Internacionais						
Tailândia 5% FOB Bangkok	Tonelada	453,00	416,00	416,00	-8,17%	0,00%
E.U.A 100% FOB	Tonelada	-	490,00	490,00	-	0,00%
Paridades de Importação até o de Atacado de SP						
Importação Tailândia ⁽⁵⁾	30kg	-	85,58	85,58	-	0,00%
Preço efetivo de Importação						
Paraguai ⁽⁶⁾	Tonelada	-	-	333,63	-	-
Dólar EUA	R\$/US\$	3,4045	3,8530	3,9060	14,73%	1,38%

Notas:

(1) Preço mínimo (safra 2017/18): R\$ 36,01/50Kg (RS e SC), R\$ 43,21/60Kg (Brasil, exceção RS e SC); (2) Longo Fino, tipo 1, rendimento 58x10, sem impostos; (3) Tipo 1, decomposto até Pelotas/RS; (4) Preço médio no RS composto até o atacado em SP; (5) Preço FOB Tailândia composto até o atacado em SP – Fonte: Thai Rice Exporters Association; (6) Arroz polido – Fonte: Comex-Stat/MDIC – Abril/19

Gráfico 1 – Evolução dos Preços no RS



MERCADO INTERNO

Na semana em análise, o mercado de arroz apresentou valorização na maioria das praças pesquisadas. A alta nos preços deve-se a intenções de compras superiores às de venda. Beneficiadoras seguem demandando o produto, enquanto boa parte dos produtores estão retraídos. Apesar da postura cautelosa, o ritmo de comercialização foi melhor do que a primeira quinzena do mês.

A maior parte das indústrias aumentaram suas ofertas a fim de recuperar os estoques. Quanto aos orizicultores, estes aguardam uma melhora nos valores para negociar. Porém, ressalta-se que a paridade do Paraguai encontra-se muito próxima dos valores comercializados ao produtor, o que dificulta um elevação intensa dos preços neste primeiro semestre.

De acordo com o último relatório da Emater/RS, divulgado no último dia 18, a colheita atingiu 86% da área semeada no RS, superior aos 73% que é a média dos últimos cinco anos. Outros 14% da lavoura está madura e por colher.

MERCADO EXTERNO

Os centros asiáticos de exportação de arroz registraram fraca atividade nesta semana, com os preços do principal exportador indiano submergindo com a demanda mais baixa, enquanto Bangladesh refletiu sobre a proibição de exportação de grãos.

A demanda dos compradores africanos foi fraca, visto que têm amplos estoques. A venda agressiva de estoques antigos pela China a preços mais baixos também pesa nos preços.

Na Tailândia, a colheita da última safra foi concluída mês passado e não há nova oferta a não ser o arroz não vendido das usinas. Tal situação, segundo um *trader* de Bangkok, garante que os preços permaneçam estáveis, com tendência de aumento apesar de não haver demanda.

Na última estimativa, divulgada pelo USDA, a colheita global deve registrar 501,4 milhões de toneladas de arroz beneficiado em 2018/19 e as exportações mundiais em 47,3 milhões de toneladas. O consumo manterá o crescimento, mas não no mesmo ritmo da oferta. Sobre os estoques finais, foram previstos 171,3 milhões de toneladas. Para 2017/18, foram estimados estoques de 162,3 milhões de toneladas.

COMENTÁRIO DO ANALISTA

No 7º levantamento da safra de grãos, divulgado pela Conab, a previsão de uma queda de 11,7% em volume e o recuo em 13,5% do terreno se manteve. A colheita esperada é de 10,65 milhões de toneladas de arroz, ante 12,06 milhões de toneladas em 2017/18. Sobre a área, o recuo calculado é de 13,5%, uma área total de 1,705 milhões de hectares, frente à 1,972 milhões de hectares da temporada anterior. A retração da produção deve-se pela menor produtividade provocada por más condições climáticas somada à redução de área nas principais regiões produtoras.